

EDITORIAL

O MOTIM

CARTOGRAFANDO RASTROS E VESTÍGIOS DE PESQUISAS TRAMADAS POR MULHERES NAS ARTES DA CENA

Luciana Lyra
Editora Organizadora do Dossiê
Revista Arte da Cena

Alijadas, por séculos, de atividades ligadas ao intelecto e ao bem público, duvidadas no que tange à sua capacidade racional e de pensamento, mulheres sofrem com o silenciamento compulsório e a submissão ao discurso patriarcal em âmbito mundial. Tal obscurecimento e invisibilidade alcança massivamente os diversos nichos de conhecimento e atinge invariavelmente os espaços acadêmicos. Contudo, nos últimos vinte anos, vem se desvelando a notória e decisiva contribuição de várias pesquisadoras, entre professoras e alunas, em contexto internacional, e em específico no caso brasileiro.

No campo das Artes da Cena, a quantidade e qualidade das investigações traçadas por mulheres no Brasil é evidente. O impacto de monografias, dissertações, teses, produções bibliográficas diversas, palestras e apresentações

públicas desenvolvidas por mulheres está em franco crescimento, tramando uma rede de discussões, que acaba por ligar várias pesquisadoras na luta contra a perspectiva falocêntrica impetrada na academia.

Na ideia de alargar as estratégias de insurreição contra o patriarcalismo acadêmico, criei, em 2015, o grupo de pesquisa MOTIM – MITO, RITO E CARTOGRAFIAS FEMININAS NAS ARTES, vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mas que no rastro da etimologia da palavra¹, desenvolve-se em rede, reunindo investigadorxs desta universidade e também da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)², Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Universidade Estadual Paulista (UNESP), além de artistas independentes.

No MOTIM, os campos colaborativos do mito e do rito, rechaçados pelas ciências duras e pelas artes formalistas ganham discussões. Estes eixos de pesquisa acabam por fomentar coletivos de artistas atrelados a processos autorais, partindo de mitologias pessoais para criação, assim como investigação de contextos de alteridade, que dialogam com camadas de personalidade. Por sua vez, esse alcance do que é pessoal na produção artística, em especial, na produção artística de mulheres, galga seu aspecto político e público, com inspiração feminista no trato dos mais variados temas.

No ano de 2016, como editora da *Revista Arte da Cena*, em articulação com o editor-chefe Alexandre Nunes³ (UFG) e com apoio editorial de Luiz Davi Vieira Gonçalves⁴ (UEA), pensamos em um número do periódico dedicado aos engendramentos da pesquisa e da produção artística movidas por mulheres, artigos que pudessem revelar as estratégias de criação cênica e os impulsos reflexivos de pesquisadoras em recantos diversos do território nacional. Assim surgiu este dossiê homônimo ao meu grupo de pesquisa, em resposta à demanda de produção dedicada aos temas do feminino, dos feminismos, da mulher e suas criações.

É indubitável, que o lançamento deste dossiê fomenta a construção de espaços bibliográficos

dedicados aos estudos e debates da cena, sob a ótica e condução de mulheres, corroborando com as publicações que abordam estas temáticas e reconhecendo a produção intelectual de jovens pesquisadoras no Brasil. Com a publicação do dossiê, a *Revista Arte da Cena* abre-se a um nicho bibliográfico de ação ainda inexplorado de maneira destacada, reconhecendo a potência destas produções, muitas vezes diluídas em contextos de periódicos variados.

Num *jogo* com as ondas que dividem temática e temporalmente os estudos feministas, divido este dossiê em duas ondas de discussão, compondo-as com quatro artigos cada. A *Primeira Onda* é destinada ao *Rito*, compreendendo-o como *Performance*, e destacando as performances como ações de cunho eminentemente político.

A *Primeira Onda* é inaugurada com os escritos da pesquisadora e artista Stela Fischer, é ela que começa por nos instigar com o questionamento: *Por que fazemos performance e ativismo feminista?*, e, ao longo de seus escritos busca responder-nos, analisando duas ações cênicas ativistas de seu agrupamento de mulheres artistas, intitulado *Coletivo Rubro Obsceno*, na cidade de São Paulo. Levando em consideração a análise da cartografia dessas ações, Fischer difunde posicionamentos políticos na

construção de poéticas cênicas, cujas premissas giram em torno de visibilizar as subjetividades das mulheres, promovendo ativismos feministas.

No segundo artigo do dossiê com o título *A Máscara e a Sombra: Palco e Vida*, a pesquisadora e artista Joice Aglae Brondani trafega pelas máscaras femininas da *Commedia dell'Arte* e descreve alguns aspectos biográficos das atrizes deste teatro, refletindo acerca da condição da mulher na Idade Média e no Renascimento, destacando ainda que os julgamentos e condenações deste período obscuro da história ainda são análogos aos sofridos por mulheres contemporaneamente.

O artigo intitulado *O Corpo Bandeira: sujeito feminino, objeto de arte em performance*, apresenta-nos a ideia de *Corpo Bandeira*, ancorada em panorama histórico sobre o movimento feminista e na perspectiva do corpo da mulher como sujeito/objeto de reivindicação. O texto de Brisa Rodrigues defende que as manifestações feministas em passeatas são performances que ajudam a construir a história, sob óticas pessoais e coletivas das mulheres, problematizando ainda as novas mídias sociais na renovação dos movimentos feministas e suas estratégias de visibilidade das mulheres.

Concluindo a primeira onda de textos,

avancamos com as reflexões de Jussyanne Rodrigues Emídio acerca da dramaturgia de sua *perforpalestra*, que nos apresenta a história da *Menina Benigna*, assassinada aos 13 anos em 1941, após uma tentativa de estupro, em Santana do Cariri, no Ceará. Neste artigo de nome *Bruxas, Santas, Loucas, Velhas, Meninas, "Belas, Recatadas e Do Lar: representações e imaginário feminino nos discursos de mídia na atuação*, a autora elabora uma inusitada e potente analogia, articulando três personagens: Dilma Rousseff⁵, Marcela Temer⁶ e Benigna, entrecruzadas com as imagens arquetípicas atribuídas a elas pelos discursos midiáticos.

Na *Segunda Onda* do dossiê, avançamos com a discussão de processos criativos que se desvelam a partir de *leitmotivs míticos*. Nesta parte do dossiê dedicada ao *Mito*, são analisadas performances artísticas auto exploratórias ou performances de personas, muito utilizadas no âmbito das performances feministas. Fazendo da narrativa mítica e das mitologias pessoais plataformas de discussão, os artigos da segunda onda interessam-se em discutir fronteiras entre mito, corpo e experiência.

O artigo *A comunhão performática em Thérèse*, da artista e pesquisadora Karla Lidiane Costa Martins Silva, traz-nos um relato de experiência sobre a performance

Thérèse, elaborada a partir do seu mito-guia *Santa Teresinha do Menino Jesus e da Sagrada Face*. Na descrição crítica da performance, Martins rememora o processo de criação desenvolvido pela via da *Mitodologia em Arte* e da *Artetnografia*, práticas/conceitos por mim capitaneados e, que, por sua vez, estão ligados aos campos da *Antropologia da Experiência* (Antropologia da Performance), do antropólogo Victor Turner, e da *Antropologia do Imaginário*, do sociólogo Gilbert Durand.

No texto de título *Medusa ao reverso*, apresenta-se o processo de criação em dança, onde a autora Kamilla Mesquita Oliveira investiga a partir da própria vivência corporal as relações intrínsecas entre corpo; mitologia e imagens escultóricas. Tendo como mote as obras da escultora francesa Camille Claudel, Kamilla converge as esculturas (pedras) em movimento dançado, diversamente ao mito da Medusa que transforma corpos vivos em esculturas de pedras.

Lua Cambará: um exercício poético de criação cênica, é o artigo de Inácia Rita Maria Larissa Barros de Santana. Sob a máscara da persona *Lua Cambará*, esta artista pesquisadora discute a noção de arquétipo enquanto estímulo imagético e de ação para a criação cênica, de modo a utilizar estímulos extraídos do próprio

conto para a criação.

Por fim, desaguamos no texto intitulado *Iyabás em cena: o trânsito e as representações das divindades femininas do Candomblé*, de Daniela Beny Polito Moraes, que acaba por debater a presença e a representação feminina numa experiência teatral, trazendo para o diálogo aspectos característicos da transmissão de saberes das religiões afro-brasileiras e focando no trânsito da performance ritual sagrada para a performance artística. As *Iyabás* e os espíritos ancestrais femininos, representados na experiência, levantam discussões entre corpo x espiritualidade e as associações possíveis com as mulheres contemporâneas.

Observando este agrupamento de artigos, compreende-se um pequeno panorama da multiplicidade da produção científica de mulheres no contexto da pesquisa em artes da cena no Brasil e também acolhe-se a (des)ordem de seus discursos científicos, ou seja, a autonomia dos conceitos e das metodologias em conexão com as teorias que os engendraram, entendendo que eles transitam de um lado para o outro, e que entram desta forma, numa teia intensamente produtora de hipóteses renovadas, que são inevitavelmente articuladas nas fulgurantes práticas.

Por fim, almeja-se que com a escuta das

fortes vozes destas pesquisadoras, possamos reinventar territórios e fomentar a porosidade entre as questões de vida-arte das mulheres e suas produções acadêmicas. Porque é no campo da vida cotidiana, seus mitos e ritos, que se constituem as cartografias destas mulheres. A ciência e a arte não chegam antes, mas concomitante à vida, desvendando-a, decodificando-a, numa dialogia permanente que impulsiona a um novo caminho.

NOTAS

¹ Motim é uma revolução de grupos não homogêneos, organizada ou não, contra qualquer autoridade instituída.

² O Motim ainda tem como líder a Profa. Dra. Maria Brígida de Miranda, graduada em Licenciatura em Educação Artística pela Universidade de Brasília (1993), Mestre (Master of Arts) pela University of Exeter (1995) e Doctor of Philosophy na área de teoria e prática teatral pela La Trobe University (2004). Professora adjunta da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) nas áreas de interpretação e direção teatral. Professora do Programa de Pós-graduação em Teatro desde 2008, pesquisa e orienta dissertações e teses nas áreas de prática teatral, arte e gênero, teatro feminista, sistemas de treinamento de atores, práticas marciais e meditativas para atores.

³ Doutor em Artes Cênicas, pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (2010), Mestre em Artes pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2005) e Licenciado em Artes Cênicas,

pela Universidade Federal de Pernambuco (2000). É Professor Adjunto da Universidade Federal de Goiás (UFG), na área de Artes da Cena, e coordena o curso de Direção de Arte. É editor-chefe da revista *Arte da Cena* e líder do grupo de pesquisa ÍMAN - Imagem, Mito e Imaginário nas Artes da Cena. Coordena o LABORATORI - Núcleo Multidisciplinar de Pesquisa nas Artes da Cena. É autor do livro *ATOR, SATOR, SATORI - Labor e Torpor na Arte de Personificar*, publicado pela Editora da UFG.

⁴ Luiz Davi Vieira Gonçalves é performer e diretor teatral. Professor assistente da Universidade do Estado do Amazonas, doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Editor-executivo da Revista *Arte da Cena*.

⁵ Presidenta do Brasil entre os anos de 2011 a 2016.

⁶ Primeira dama da república, no governo Temer, iniciado em 2016.

* LUCIANA LYRA é pesquisadora e editora da *Revista Arte da Cena*. É também atriz, performer, encenadora, diretora, dramaturga e escritora. Professora efetiva do departamento de Arte e Cultura Popular e do Programa de Pós Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e professora colaboradora dos Programas de Pós Graduação em Artes Cênicas da UFRN e o Programa da Pós Graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). É pós doutora em Antropologia, pela FFLCH/USP e em Artes Cênicas pelo DEART/ UFRN, doutora e mestre em Artes da Cena pelo IA/UNICAMP. Coordena o grupo de pesquisa MOTIM – Mito, Rito e Cartografias Femininas nas Artes (UERJ). É integrante da companhia de teatro OS FOFOS ENCENAM-SP e fundadora de seu estúdio de investigação, UNALUNA – PESQUISA E CRIAÇÃO EM ARTE. Sites: www.unaluna.art.br e www.lucianalyra.com.br.